

DERIVA/TRANSURBÂNCIA-DT, E DERIVA NA CLAUSURA-DC: A DIALÉTICA DA MOBILIDADE/IMOBILIDADE

Márcio Mendes Rocha

Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá

mmrocha@uem.br

Resumo: O objetivo deste artigo é ampliar a noção de deriva em várias escalas de percepção. A Deriva/Transurbância – DT, em uma escala mais ampla, e a Deriva na Clausura – DC, em uma escala mais restrita. O isolamento das pessoas, por conta da pandemia, foi o que nos motivou a trabalhar com a ideia de Deriva na Clausura – DC. Para tanto analisamos os trabalhos de Guy Debord, Francesco Careri, Merlin Coverley, Edwin Valentine Mitchell, Anselmo Peres Aló, E ORLANDI, entre outros. Observou-se a deriva como o fio condutor da análise da relação Homem/Natureza. A reflexão sobre as potências humanas criativas, em escalas físicas distintas. Trata-se de uma revisão preliminar sobre este tema. Por fim, é apresentada a “análise do discurso” para a interpretação objetiva e subjetiva das derivas. A base para o desenvolvimento deste trabalho foi o curso de extensão “A mobilidade humana e seus percursos” ministrado no Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Das reuniões com o grupo de alunos, apareceu a ideia de Deriva na Clausura – DC, por conta do isolamento imposto pela pandemia, buscamos ampliar a possibilidade de “navegar” em espaços restritos de forma criativa e saudável.

Palavras-chave: Deriva. Clausura. Mobilidade. Imobilidade.

DRIFT/TRANSURBANCE-DT, AND DRIFT IN CLOSURE-DC: THE MOBILITY/IMMOBILITY DIALECTIC

Abstract: The aim of this article is to expand the notion of drift on various scales of perception. The Deriva/Transurbância – DT, on a broader scale, and the drift in the enclosure – DC, on a more restricted scale. The isolation of people, due to the pandemic, was what motivated us to

work with the idea of drift in the enclosure– DC. For that, we analyze the work of Guy Debord, Francesco Careri, Merlin Coverley, Edwin Valentine Mitchell, Anselmo Peres Aló, E ORLANDI, among others. Drift was observed as the guiding principle of the analysis of the Man/Nature relationship. Reflection on creative human powers, on different physical scales. This is a preliminary review on this topic. Finally, “discourse analysis” is presented for the objective and subjective interpretation of drifts. The basis for the development of this work was the extension course “Human mobility and its routes” taught at the Department of Geography at the State University of Maringá. From meetings with the group of students, the idea of drift in the enclosure– DC emerged, due to the isolation imposed by the pandemic, we seek to expand the possibility of “navigating” in restricted spaces in a creative and healthy way.

Keywords: Drift. Enclosure. Mobility. Immobility.

1. INTRODUÇÃO

Para investigar este jogo dialético entre mobilidade/imobilidade começamos tratando da deriva, e sua origem, a partir de Guy Debord a 60 anos atrás, em seus textos originais. A evolução mais recente ocorre com Francesco Careri e seu grupo com a noção de Transurbância, sinalizando a importância de navegar e parar, nos processos de percepção do mundo, o que nos levou ao jogo dialético mobilidade/imobilidade. Nesta trajetória teórica, Careri apresenta um importante entendimento do conceito de lugar.

Com o advento da pandemia, nos deparamos com uma diminuição da mobilidade, com a necessidade de isolamento, com a restrição do convívio social mais amplo., valorizando a vida nos espaços domésticos, nas moradias. Esta condição trouxe a necessidade de reflexão sobre estes espaços restritos, que redundou em uma proposta para tornar positiva para os “navegantes” o convívio nestes espaços restritos. Esta preocupação nos levou a tratar das noções de “Deriva Imaginária” e “ Deriva na Clausura- DC”. Nesta dimensão, se impôs uma reflexão do tempo das derivas, e a percepção dos eventos que produzem os espaços, neste caso, micro espaços. Os artefatos que compõe este espaço restrito e restringido têm uma história que o “navegante” da deriva pode ou não ser o protagonista. A percepção destes eventos no micro espaço pode trazer uma avaliação crítica do “navegante” na produção destes espaços. O contraponto com a noção de Deriva Transurbância – DT, estabelece as bases da Deriva na Clausura – DC, que são ritualizadas com ações coerentes com os princípios estabelecidos na deriva de um modo geral.

Para a validação das experiências, o pesquisador deste fenômeno (DT e DC), utiliza como instrumento analítico a “Análise do Discurso”, a partir da linguagem.

O que se pretende, portanto, é sinalizar uma possibilidade, mesmo em espaço restrito, enclausurado, estabelecer relações positivas e criativas, para a perpetuação de uma vida plena no espaço dado, como um navegante que deriva em qualquer escala territorial.

2. A TEORIA DE DERIVA EM GUY DEBORD

Debord reflete sobre o aleatório no contexto da deriva, ele escreve que o aleatório é menos dominante do que parece. Do ponto de vista da deriva, este aleatório é balizado por uma ação psicogeográfica. A deriva em sua unidade, remete ao “deixar ir” sempre considerando as contradições existentes. Debord argumenta que o método psicogeográfico deve considerar uma análise ecológica no momento da ação da deriva.

L’analyse écologique du caractère absolu ou relatif des coupures du tissu urbain, du rôle des microclimats, des unités élémentaires entièrement distinctes des quartiers administratifs, et surtout de l’action dominante des centres d’attraction, doit être utilisée et complétée par la méthode psychogéographique (DEBORD, 1958, 1p.).

Entendemos, com nossas experiências com DT`s que devemos considerar a totalidade de informações oriunda do espaço sentido, na ação da Deriva/Transurbância, em todos os âmbitos do conhecimento dos participantes, percorrendo as ciências e as artes.

Podemos derivar sozinho, comenta Debord, mas tudo indica que é mais indicado derivar em grupo. Se o grupo é muito grande, a separação em pequenos grupos é mais frutuosa, diz ele.

Au-dessus de quatre ou de cinq participants, le caractère propre à la dérive décroît rapidement, et en tout cas il est impossible de dépasser la dizaine sans que la dérive ne se fragmente en plusieurs dérives menées simultanément (DEBORD, 1956, 1p.).

Com a experiência que tivemos com a Deriva/Transurbância – DT , foi sinalizada a possibilidade de se dividir o grupo. No entanto, cada grupo deve ter pessoas que participaram de outras derivas, para orientar o processo, em cima dos preceitos estabelecidos.

Embora Debord tenha colocado o período entre o sono, ou 1 dia de definição de uma deriva, optamos por um período menor em função do projeto proposto, daí nasce a proposta de deriva centrípeta¹. Debord, mais adiante pondera que a deriva não tem uma medida fixa. Ele escreve: “Mais surtout la dérive se déroule souvent en quelques heures délibérément fixées, ou même fortuitement pendant d’assez brefs instants, ou au contraire pendant plusieurs jours sans interruption”. (DEBORD, 1958, 1p.)

A perspectiva psicogeográfica diz respeito às motivações para a deambulação. Parte-se para uma ação aleatória, sem rumo, mas Debord pondera que existe motivações psicológicas que determinam o seguir ou parar, o ir para lá ou para cá. Portanto a mobilidade humana na deriva apresenta condicionantes emocionais. E estes condicionantes agem de forma coletiva, pois são várias vontades, várias motivações. Naturalmente, se uma vontade é mais coletiva, ela irá determinar um deslocamento, pois quem deriva é o grupo. Esta preocupação entre espaço e emoção aparece nas reflexões de Debord, como segue: “Le champ spatial de la dérive est plus ou moins précis ou vague selon que cette activité vise plutôt à l’étude d’un terrain ou à des résultats affectifs déroutants”. (DEBORD, 1958, 1p.)

Debord apresenta uma proposta de polarização dos membros num lugar para o início da deriva. Uma hora e um lugar definida, todos saindo para a deriva, de um ou mais dias. “Dans tous les cas le champ spatial est d’abord fonction des bases de départ constituées, pour les sujets isolés, par leurs domiciles, et pour les groupes, par les points de réunion choisis”. (DEBORD, 1958, 1p.)

Debord define também uma deriva estática, que pode perfeitamente estar contida em uma clausura, um recolhimento. Busco explorar mais este aspecto com a noção de “Deriva na Clausura”, que será tratado à frente. Neste sentido o auto escreve.

¹ Tendo como pré-estabelecido, por conta do projeto de extensão, derivamos por 4 horas, livre, mas com uma perspectiva de retorno ao ponto inicial. Deriva-se por 2 horas e depois retornamos derivando, até o ponto de saída.

L'étendue maximum de ce champ spatial ne dépasse pas l'ensemble d'une grande ville et de ses banlieues. Son étendue minimum peut être bornée à une petite unité d'ambiance : un seul quartier, ou même un seul îlot s'il vaut la peine (à l'extrême limite la dérive statique d'une journée sans sortir de la gare Lazare) (DEBORD, 1958, 1p.).

Debord nos explica o que ele entende por sentimento da deriva, dando exemplos de situações urbanas criadas para a prática da deriva.

Ainsi, quelques plaisanteries d'un goût dit douteux, que j'ai toujours vivement appréciées dans mon entourage, comme par exemple s'introduire nuitamment dans les étages des maisons en démolition, parcourir sans arrêt Paris en auto-stop pendant une grève des transports, sous le prétexte d'aggraver la confusion en se faisant conduire n'importe où, errer dans ceux des souterrains des catacombes qui sont interdits au public, relèveraient d'un sentiment plus général qui ne serait autre que le sentiment de la dérive (DEBORD, 1958, 1p.).

A valorização da representação cartográfica é verificada na proposta de Debord sobre a deriva. Uma representação que inclui o cartograma, mas também a imagem, o esquema, a resignificação da carta, do mapa. Mais que isso, podemos desenvolver uma apropriação criativa das representações, incluindo notações que podem ser feitas no ato da deriva, georeferenciando o espaço percorrido, nos dias de hoje. “Nichos Imagéticos Sonoro Georeferenciados - NISG. Podemos capturar uma amostra de som do ambiente, fotografar e filmar daquele ponto georeferenciado. O grupo todo em silêncio por um determinado tempo para a captura do som do espaço. (em silêncio ou não, passível de decisão no grupo.) Mas Debord há 63 anos atrás, sinalizava esta possibilidade, como segue.

On peut dresser à l'aide de vieilles cartes, de vues photographiques aériennes et de dérives expérimentales une cartographie influentielle qui manquait jusqu'à présent, et dont l'incertitude actuelle, inévitable avant qu'un immense travail ne soit accompli, n'est pas pire que celle des premiers portulans, à cette différence près qu'il ne s'agit plus de délimiter précisément des continents durables, mais de changer l'architecture et l'urbanisme. Les différentes unités d'atmosphère et d'habitation, aujourd'hui, ne sont pas exactement tranchées, mais entourées de marges frontières plus ou moins étendues. Le changement le plus général que la dérive conduit à proposer, c'est la diminution constante de ces marges frontières, jusqu'à leur suppression complète. (DEBORD, 1958, 1p.)

A proposta de Debord apresenta um caráter anárquico, e uma crítica à propriedade de terra, segundo ele, o espaço urbano restringe o livre fluxo das pessoas pelos lugares, e estas barreiras devem ser transpostas, ele as chama de margens fronteiriças, como segue: “Le changement le plus général que la dérive conduit à proposer, c’est la diminution constante de ces marges frontières, jusqu’à leur suppression complete” (DEBORD, 1958, 1p.).

O autor nos coloca que um dos problemas da deriva é a liberdade. Mas ele é otimista em relação ao futuro dizendo que um dia serão construídas cidades para se derivar. No entanto o que constatamos nestes 60 anos, foi um espaço urbano mais desabitado, as pessoas andam cada vez menos nas ruas, a produção do espaço urbano desestimula os espaços públicos, por conta do contexto do capitalismo neoliberal, individualista e competitivo. As ruas no caso brasileiro, são maltratadas, desvalorizadas, em péssimas condições de mobilidade. Mas o que fica de importante, é a possibilidade, com esta técnica, de desvendar a cidade real, com seus conflitos e contradições. A deriva pode desnudar a cidade, e ampliar a compreensão dos processos de produção do espaço urbano.

3. A TRANSURBÂNCIA EM FRANCESCO CARERI

Para Careri a transurbância como estratégia de apropriação do real não seria um andar pelas ruas conhecidas, mas um atravessar esses outros territórios.

Estes outros territórios são os "não lugares". A passagem do lugar para o não lugar seria o "meio lugar". Ex. O terreno é baldio, mas no momento que decidimos fazer um piquenique ali ele se torna menos baldio, e a passagem se faz.

Careri trata em suas transurbâncias das franjas urbanas, dos subúrbios, que significa "cidade de baixo" ... um abismo circular entre cidade e campo.

O autor entende o ato da travessia como ação do caminhar, a linha que atravessa o espaço como objeto arquitetônico

O que se quer com a transurbância é indicar o caminhar como um instrumento estético/político capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos a ser compreendidos, e preenchidos de significados e não de coisas.

O percurso se constitui com a forma arquitetural do nomadismo. Os percursos inscritos no espaço físico são as primeiras obras arquitetônicas do homem.

Careri utiliza o conceito de lugar e vê na prática da ação de transurbância a possibilidade de criação de lugares

A presença física do homem num espaço não mapeado e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais, tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em LUGAR.

Para explicar o caminhar dos homens pela terra, muitas formas foram criadas. Deriva urbana, Transurbância, Transumância, Errância, Deambulação Surrealista entre outros. Careri remete sua análise aos situacionistas dos anos 50 do século passado e faz uma reflexão sobre a mobilidade e imobilidade, “o navegar e o parar”. Segundo ele, a noção de *psychogéographie*, sinalizada por Debord, deveria ser interpretada como a parte obscura da mente humana. Era o nascimento daquela prática que havia levado os situacionistas a teorizar o estudo da geografia urbana por meio da "dérive", esta também uma palavra de origem náutica, capaz de expressar a ambigüidade do perder-se conscientemente, procurando dosar o desejo e o acaso, o racional e o irracional, o projeto e o antiprojeto.

Careri argumenta que é importante navegar junto à costa e observar as paisagens, mas também entender onde descer a âncora, encontrar quem mora naquelas terras, descobrir estratégias para ir ao encontro dele, aprender a cumprimentar e dialogar com as pessoas.

A partir de um grupo de estudos sobre a cidade, Careri apresenta a noção de “Artes Cívicas”. Como as *civics*, de Geddes, *cívicas* está no plural porque é transdisciplinar; a transformação da cidade não pode ser deixada apenas por conta dos urbanistas ou dos arquitetos, diz o autor, mas deve ser estendida a todas as ciências que se interessam pela cidade, logo também a antropólogos, geógrafos, sociólogos, biólogos. E junto com as ciências devem caminhar também as artes, sempre no plural: explorar a pé a cidade e penetrar em seus significados é uma arte tal como a escultura, a pintura, a arquitetura, mas também como a fotografia, o cinema, a poesia que nos contam muitas vezes com maior eficácia do que os urbanistas, os fenômenos mais dificilmente legíveis da cidade atual.

Caminhar tornou-se o instrumento estético e científico que permite reconstruir o mapa em devir das transformações em curso, uma ação cognocitiva, capaz de acolher inclusive aquelas amnésias urbanas que, inconscientemente, apagamos de nossos mapas mentais porque não as reconhecemos como cidades.

O Objetivo de Careri e seu grupo é a construção de uma cidade menos espetacular e mais lúdica e experimental.

Em seu livro “Caminhar e Parar”, Careri distingue os percursos no curso da história evolutiva da humanidade. Diz que o percurso nômade é uma evolução cultural da errância. Enquanto o percurso nômade está ligado aos deslocamentos cíclicos do gado durante a transumância, o errático está ligado às perseguições às presas pelo homem coletor/caçador da era paleolítica. Então aquilo que era um espaço irracional e casual, baseado na concretude da experiência objetiva, material, começou a transformar-se lentamente em espaço racional e geométrico.

Careri apresenta uma definição consistente para o conceito de lugar. Diz ele que a presença física do homem num espaço não mapeado, e o variar das percepções que daí ele percebe ao atravasá-lo, é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar.

Segundo Marc Augé, citado por Careri, se um lugar pode-se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não apresentem estas características é definido como um não lugar.

A importância do percurso, sua narrativa, e seu discurso é porque desvenda uma cidade espetacularizada, camuflada, maquiada, ideologizada, por aqueles que detém o controle da informação e do território. Temos que nos livrar destas “alucinações” e ver a cidade real. A Deriva/Transurbância - DT é um caminho.

Na DT, buscamos sinais que delineiam um tempo vivido, um tempo social, que deixa marca, podendo revelar as formas de produção e reprodução do espaço. A prática da DT propicia uma interpretação coletiva do que foi, do que virá a ser, a partir de uma ação no presente. A DT apresenta um caráter desmistificador, a partir da construção de narrativas (na captura em: vídeo,

áudio, fotos, e textos (relatórios), e de meta-narrativas, produzidas pela fala dos membros (navegantes) das DT's.

4. O CAMINHANTE IMAGINÁRIO – DERIVA IMAGINÁRIA

Da análise da deriva como forma de mobilidade, nós nos deparamos com o problema da pandemia, que trás a clausura como um contraponto e um pressuposto, então esta dialética entre a Deriva/Transurbância-DT e a “Clausura”, está determinada pela crise sanitária, que interfere no processo de produção do espaço e das relações sociais consequentes. Neste sentido, esta dialética trás a possibilidade de se discutir a Deriva na Clausura- DC, ou seja: as pessoas mudam seus comportamentos, valoriza coisas que antes não consideravam, agora começa a considerar mais, na medida em que tem o seu espaço mais restrito. Isso leva a uma reflexão sobre escala, as escalas de percepção do mundo, que se manifestam nestes espaços restritos, que estamos denominando de “Clausura”.

Buscando dimensionar este contraste entre DC e DT. Destas situações opostas, observamos a percepção que se teve antes, e de como se percebe o espaço hoje. É um grupo que viveu esta situação externa, de uma forma sistemática, e muito produtiva na análise, isso é mostrado no relatório do projeto original, agora poderemos discutir este contraste, a partir desta base de reflexão teórica.

A hipótese que se levanta é: É possível a deriva na clausura? Uma pista importante neste sentido, é dada por Merlin Coverley, em seu livro “A arte de caminhar – o escritor como caminhante.” Ele nos apresenta a obra de Xavier De Maitre², de 1795 com a noção de “caminhar imaginário”. Em 1795 ele escreveu o livro “viagens em volta de meu quarto.”, e em 1825 publicou a obra “Expedição noturna em volta de meu quanto” Segundo Coverley, este modelo de viagem pelo imaginário, no quarto ou na poltrona ... “É um híbrido curioso em que o viajante pedestre, e o viajante da poltrona se encontram” (COVERLEY, 2016, posição 583).

De Maistre buscava a primazia da alma nesta experiência do caminhar imaginário. Dizia ele que para este caminhar, temos que “saber fazer sua alma viajar sozinha.” De Maistre

² Xavier De Maitre, A journey Around my Room, Londres, Hesperus, 2004 – Viagem em volta de meu quarto, São Paulo, Hedra, 2009)

desenvolveu esta técnica e escreveu sobre ela quando foi preso por 42 dias. Disse ele que sua caminhada não sofreu influência da limitação da liberdade. De Maistre, em sua prisão domiciliar, relativiza a noção de liberdade. Mesmo em prisão domiciliar, ele encontra um mundo pela frente, o mundo do imaginário.

Pretendem me devolver a liberdade, como se a tivessem tirado de mim [...] Impediram-me de percorrer uma cidade, um ponto; mas me deixaram o universo inteiro: a imensidade e a eternidade estão a minha disposição [...] Seria para me punir que me confinaram em meu quarto? – nesta região deliciosa que guarda todos os bens e todas as riquezas do mundo? Exilar um camundongo num celeiro seria uma punição semelhante (COVERLEY, 2016, posição 882).

São saídas exitosas em situação de confinamento, experiências criativas e saudáveis que devem ser observadas nestes dias de pandemia.

O que caracteriza o método de De Maistre é sua atitude mental. É uma atenção, e maior receptividade ao meio ambiente do seu cotidiano, resignificando nossas reações costumeiras, buscando olhar as coisas de forma renovada. Não somente De Maistre investiga as minúcias da vida cotidiana, aliadas a devaneios imaginários como forma de deriva, de caminhar no imaginário. Escritores como Daniell Spoerri, George Perec e Arthur Rimbaud, exploraram o caminhar imaginário. Esta vertente da produção literária dedicada às derivas mentais, trás luz para uma reflexão sobre as formas de deriva na clausura. Existe, portanto, um caminho já traçado, em busca de formas de um caminhar criativo possível em situação de privação, de isolamento. No entanto, como estas estratégias podem ser incorporadas na sociedade da informação de hoje? O racionalismo instrumental que impera na sociedade da informação hoje, não dá vez para devaneios imaginários. O mundo cada dia mais está pautado na construção de comportamentos padronizados pelo império de valores estéticos, controlados pelos meios de comunicação, na sociedade da informação, que ditam o comportamento, fechando as portas para os homens livres, criativos, imaginativos. Hoje, a imaginação está a serviço do mercado. As pessoas gastam muito mais seu tempo consumindo informação banal, do que exercitando sua mente em viagens imaginárias, deixam isso para a indústria cultural regurgitar o alimento da alienação, criando corpos dóceis e controlados. Mas cabe aqui pontuar uma perspectiva, um caminho possível, um caminho de libertação, produzindo com o imaginário criativo, longos percursos na imobilidade da

clausura. Aliada a esta perspectiva das derivas imaginárias, temos outro aspecto que devemos considerar para o exercício da deriva na clausura. Que é a valorização das escalas de percepção do mundo que nos cerca. Isso leva ao estabelecimento de novas relações e de uma outra consciência do espaço. Em uma escala restrita do espaço físico, imposta pela pandemia, podemos expandir nossas fronteiras perceptivas, estabelecendo relações em uma escala até então negligenciada. Podemos construir novas práticas e novas formas de sobrevivência adequadas a este universo restrito e múltiplo ao mesmo tempo. A mudança de escala para as interações humanas pode possibilitar uma maior liberdade ao ser. Ou seja, “corpo preso e alma livre”, mente aberta para novas experiências libertadoras.

Estas questões foram consideradas nas contingências atípicas de uma pandemia. O isolamento pode ser benéfico, desde que o indivíduo tome consciência do espaço possível de mobilidade, e neste, perceber as infinitas possibilidades de interações que existem.

É claro que devemos considerar as dificuldades que uma ampla maioria de pessoas tem, por não poder exercer o isolamento tão necessário para restringir a contaminação viral, pois tem que trabalhar para sobreviver, e para tanto, tem que exercer a mobilidade física, se expondo à contaminação. Portanto, o isolamento, a clausura, só pode ser exercida por aqueles que apresentam condições materiais para sobreviver. E no contexto deste totalitarismo neoliberal, a situação se agrava, os distanciamentos sociais aumentam, e as pessoas são obrigadas a trabalhar, ou sair para procurar emprego.

A Deriva/Transurbância nos mostra um outro urbano, produz o rompimento crítico do olhar treinado, alienado. Este novo olhar, pode ser levado ao espaço da clausura, onde as pessoas, de preferência, devem estar, por conta da pandemia. Podemos romper este olhar treinado, alienado, construindo uma nova leitura do espaço vivido.

A clausura, prática dos mosteiros, era o momento em que os monges circulavam todo o jardim interno do edifício, dando muitas voltas, buscando o religare, se aproximando de deus, construindo um percurso imaginário com o divino, uma deriva imaginária. A clausura é uma opção da mesma forma que o confinamento por conta da pandemia, não existe uma obrigação. É uma opção possível, no caso da pandemia, necessária. Uma das definições de clausura é “onde não pode entrar estranhos”. Entendemos aqui o vírus COVID 19 como o estranho, que não é bem-vindo, daí a pertinência da noção. “Clausura” vem do latim “clausus”. No contexto do

cristianismo, é uma regra monástica que impõe o clausto, o isolamento, o fechamento. A clausura monástica é a forma de vida que leva os monges. A clausura entre os religiosos tem como objetivo, manter um clima de recolhimento, de silêncio, de oração, com o intuito de uma união mística com deus. Buscamos aqui a definição mais genérica do termo, mais laica, mas podemos emprestar da prática religiosa, o exercício da imaginação, em busca do diálogo com deus, uma forma criativa de deriva. Esta ideia corrobora com a prática da “*deriva pelo imaginário*”.

Buscamos então a possibilidade de contrastarmos duas situações opostas para a percepção crítica do espaço. Da Deriva/Transurbância, à Deriva na Clausura. O momento de mobilidade e imobilidade, construindo a perspectiva de avaliação de uma deriva, partindo da objetividade concreta DT's para uma deriva partindo do imaginário, remota, virtual confinada. A *Deriva na Clausura - DC*.

No livro de Merlin Coverley, intitulado “A arte de caminhar”, em seu capítulo 3 “O caminhante imaginário”, Coverley cita o autor Edwin Valentine Mitchell, que apresenta um tipo de caminhar imaginário, onde o caminhante percorre lugares criados em sua mente, que permite transcender os limites do tempo e do espaço. Segundo Coverley, o poeta pré-romântico William Cowper é considerado um dos precursores desta técnica de deriva imaginária, que lhe ajudou a superar sua depressão. Cowper escreveu, comentando um caminhar imaginário que ele fez em uma viagem de navio, diz ele:

Minha imaginação é cativada nessas ocasiões, que parece que estou junto com os navegadores, em todos os perigos que eles enfrentaram. Perco a âncora, minha vela principal se desfaz em farrapos, eu mato um tubarão, e converso por sinais com um patagônio, e tudo isso sem me afastar da lareira (COVERLEY, e-book posição 824).

O caminhar imaginário é apresentado no livro “Viagens em volta de meu quarto”, de 1795, e mais à frente, em 1825, com a obra Expedição noturna em volta de meu quarto”, até a poltrona. As duas obras de Xavier de Maistre. De Maistre buscava a primazia da alma nesta experiência do caminhar imaginário. Escreveu ele que para este caminhar, “temos que saber fazer sua alma viajar sozinha.” De Maistre desenvolveu esta técnica, e escreveu sobre ela, quando foi preso por 42 dias. Disse ele que sua caminhada não sofreu influência por conta da limitação da liberdade, foram dias criativos, diz ele.

Não há nada mais atraente, para mim, que seguir as ideias pelo rastro, como o caçador persegue a caça, sem pretender tomar alguma estrada. Assim, quando viajo no meu quarto, percorro raramente uma linha reta: vou da minha mesa para um quadro colocado em um canto; de lá parto obliquamente para ir até a porta; mas, ainda que no momento em que parto minha intenção seja ir para lá, se encontro uma poltrona no caminho, não me faço de rogado, e lá me arranho imediatamente (COVERLEY, e-book posição 872).

A postura que o viajante assume, quando incorpora a DT como opção de interpretação do mundo, pode ser incorporada na Deriva na clausura – DC. “É um híbrido curioso em que o viajante pedestre e o viajante da poltrona se encontram.” Comenta

A deriva na clausura é uma perspectiva, otimista no que concerne a esta condição de recolhimento imposto particularmente por esta crise sanitária da pandemia. Não é uma receita, é apenas a sinalização de duas perspectivas otimistas, criativas de intervenção no espaço. A primeira perspectiva fundamenta-se na “deriva imaginária”, com a possibilidade de construção de uma narrativa escrita. A própria história do conceito mostra isso. As experiências de deriva imaginária partem de autores que produziram textos acerca da experiência. A qualidade ontológica desta ação, relaciona-se ao estímulo da imaginação em situação de clausura, por ser positivo aguçando uma virtude importante, que é a criatividade humana, a partir das imagens, dos sonhos, e das possíveis utopias criadas.

A segunda perspectiva, é uma “perspectiva escalar”. A busca de novas escalas para a interpretação de nossa relação com o mundo, imposta por uma condição de isolamento.

A Deriva na Clausura-DC é importante porque tem uma dimensão ética. Que é a perspectiva de perceber que no contexto da clausura, pode-se estabelecer formas criativas e positivas de relacionamento com o mundo. Isso é importante neste contexto em que vivemos. A justificativa e importância desta ação é fortemente ligada ao que foi anteriormente dito. Por quê? Porque ela trabalha com a dimensão da imaginação, e existem experiências que foram feitas pelo mundo, que mostraram pessoas que ficaram enclausuradas, e conseguiram ter relações muito positivas porque eles descreveram um micro mundo, imaginaram coisas, e o tempo passou e eles não enlouqueceram.

Esta deriva busca então imagens da imaginação, também. Isso porque tem momentos que as relações são objetivas, concretas. Como esta descrição, “Eu saio da cadeira e vou para a janela, e lá me imagina num navio” Tudo dentro de um quarto. Onde na maioria dos casos produziu-se uma narrativa escrita acerca da experiência. Portanto, ela trafega por esta dimensão subjetiva imaginária, mas também uma questão objetiva de espaço, e mais precisamente, de lugar.

Na perspectiva da percepção do espaço na clausura existem dois eixos que devemos considerar. Que é a “dimensão imaginária”, que é o espaço da subjetividade. Este espaço se amplia e anda-se nele, neste deslocar, pode-se imaginar uma infinidade de coisas. O indivíduo se deleita com o vento, e vai imaginando coisas e escrevendo sobre isso, então todo este tempo, é um tempo criativo. A segunda dimensão, trata da “perspectiva de escala”. Ou seja. Como se percebe. As pessoas quando estão no dia a dia percebem o mundo de uma forma. Percebe o ônibus, o caminho que você faz para ir para escola, universidade, percebe sua mesa, sua caneta. Constrói-se, portanto, uma percepção de mundo. Quando se está restrito, você continua percebendo este mundo, no entanto, a universalidade das relações com o mundo não está restrita à escala e sim à percepção. O insight que De Maistre teve é que o prazer ou vontade de uma deriva está mais relacionado com uma atitude mental, que pode-se concretizar materialmente, no espaço físico, ou na imaginação do “viajante”. Lembro-me, quando era criança, que fazia viagens interplanetárias sentado em frente das gavetas do armário do meu quarto, aonde eu instalava “botões” e uma “direção” improvisada com um cabide, e me deleitava nestas derivas imaginárias por longo tempo.

Quanto se está em uma escala pequena, restrita, existe uma diversidade fantástica de eventos que podem ser percebidos e avaliados, compreendidos, sentidos, racionalizados e imaginados. Com isso esta ressignificação da percepção nos leva a uma avaliação crítica do real. Como existem coisas que nunca se percebeu no seu cotidiano “natural”, que, em situação de clausura pode-se perceber. Isso deve ser valorizado por conta das novas interpretações possíveis das relações que você pode estabelecer com o mundo. É só uma questão de adaptação, de equalização, que esta universalidade de relações no espaço restrito aparece, e propicia um relacionamento com o mundo. Existe uma complexidade, uma diversidade muito grande de situações. É a planta que se observa melhor, é o ponto do jardim que você percebe que nunca foi,

é o portão sem lubrificação que você percebe e age, porque está fazendo um barulho que se pode tirar, outras tantas coisas que dizem respeito ao cotidiano, que podemos interagir. Aí pode vir um questionamento. Onde se coloca a dimensão crítica em relação a isso? A crítica é a negação dessa realidade, por um cotidiano “normal”, onde se passa batido, não se apropria das nuances, das sutilezas que a natureza apresenta, que são importantes para o ser e o viver. A leitura crítica de se ver que existe uma complexidade, uma diversidade, nesta particularidade, que as pessoas normalmente passam por cima, por conta de outras prioridades. A crítica é de se perceber que não se está preso. Existe um mundo em tudo que está em volta, nas mínimas coisas. São as fotografias que faz 15 anos que você não vê, é aquele pedaço de jardim que nunca se foi, não tomou sol naquele ponto da casa. Usufruir deste lugar, é uma forma de deriva na clausura. Esta atitude é criativa, consequentemente crítica, resignificante. É a capacidade criativa de construir uma relação, de perceber a diversidade no espaço restrito. Produzindo uma vida criativa, uma vida de descobertas. O termo “clausura” é estar no clausto, é o espaço restrito. Existe uma clausura monástica, uma clausura ligada a ritos religiosos, que não trataremos aqui, mas o sentido é de estar em um espaço restrito, por opção, ou contingência. Importante salientar que a clausura é uma opção, não é algo imposto. Veja o momento em que vivemos agora com a pandemia do corona vírus. Se a pessoas quiser, ela sai pela rua sem máscara, existe alguns níveis de controle por parte da sociedade, por parte do público, do privado e do estado, mas a quarentena, a clausura é algo que a pessoa se propõe a fazer. Por isso você tem que buscar formas criativa e positivas. Já que você se propõe a fazer, que pese as contingências que levam o indivíduo a fazer o isolamento. Não é o melhor dos mundos. Com discernimento, se percebe a pertinência de fazer o isolamento, por conta do COVID 19, portanto é uma questão de bom senso para a preservação da vida humana, e da não perpetuação do vírus.

Uma das hipóteses que levantamos é que a clausura pode ser criativa, e que isso, pode ser enriquecedor para a experiência humana, podendo, a partir desta prática, sair mais evoluído do que antes. É a busca da sabedoria nas situações adversas, sempre considerando os fatores que impedem, boa parte da população menos favorecida, de exercer a clausura. Os trabalhadores e desempregados tem que se deslocar para sobreviver, junto com suas famílias.

5. A DIMENSÃO DO TEMPO NA DERIVA

A existência do tempo, está relacionada com a percepção de eventos. Os seres humanos, são capazes de identificar acontecimentos passados, criando uma memória, que se constitui pela associação de acontecimentos passados, projetando o futuro. Podemos dissociar esta memória em duas perspectivas: a) Individual, pelas escolhas individuais que as pessoas fazem, em relação aos valores do mundo. b) Uma memória coletiva, que é constituída ideologicamente pelos meios de comunicação, pelos grupos hegemônicos de poder, por valores culturais, muitas vezes circunscritos no território por uma nação. No contexto do capitalismo contemporâneo, onde se constitui a sociedade da informação, temos a reprodução de uma sociedade midiática, onde o controle social passa pelos valores estabelecidos por quem controla os meios de informação, criando a sociedade da informação. Norbert Elias fala sobre o poder de síntese para a percepção do mundo, pelo homem. Esta percepção se dá pelo instinto, e pela aprendizagem de experiências prévias. A partir disto se constrói a memória do mundo. Na medida que existe o controle político da informação, esta memória se reproduz ideologicamente, criando não apenas a memória, mas também o esquecimento, e o falseamento, manipulando a realidade, e a ilusão.

Neste ponto é que a DT age no sentido do desvendamento do urbano real, mais contraditório, e mais próximo das condições objetivas de reprodução da vida, e das coisas produzidas pelos homens.

Na medida em que a deriva é feita a pé, o tempo de percepção é particular. Mas mesmo sendo a pé, a DT não tem um objetivo de uma mobilidade pré-definida. De um ponto “a” para um ponto “b”, da melhor e mais racional forma para atingir o objetivo. Considerando também, a recorrência diária de muitos trajetos, que levam as pessoas a se descolarem sem a percepção do entorno. Na DT, é o entorno, no qual o homem está contido, que pode estabelecer o sentido. Basta a equipe se despojar, se desapegar dos condicionamentos cotidianos, que começa a aparecer um universo de relações, de eventos, que transformam o tempo/espço vivido. Homem contemporâneo insiste em se distanciar da natureza, opta por uma vida virtualizada, uma vida remota. A DT possibilita esta aproximação, para o resgate de uma relação mais próxima com a natureza.

Ainda resta muito a fazer, mas talvez possamos lembrar-nos de que a lua que, em função de instrumento de determinação do tempo, praticamente desapareceu da vida das populações urbanas dos Estados Nacionais industrializados, as quais vivem a pressão do tempo, sem compreendê-la. – foi outrora uma mensageira que, a intervalos mais ou menos regulares, permitia que os homens efetuassem cortes no interior de sua vida social (ELIAS, 1998, 158 p.).

A deriva é o fio condutor da análise da relação Homem/Natureza. A reflexão sobre as potências humanas criativas, em escalas físicas distintas. A DT no espaço urbano, e a DC no espaço restrito de uma moradia. Neste transcurso escalar, a subjetividade do navegante, e a possibilidade de crítica de um mundo imaginário, a realidade virtual aparece como possibilidade, cada vez mais presente nas novas gerações. Mas também pode ocorrer o estímulo à percepção de um microcosmo, de uma natureza desconhecida, negligenciada. Na percepção dos detalhes que constituem o espaço doméstico (moradia). Na DC existe a possibilidade de uma reflexão sobre o sentido dos artefatos cotidianos, que se inserem no espaço, mas também de uma natureza viva que não é percebida, ou que já foi percebida e valorizada. A DC propicia uma avaliação crítica dos espaços, e de seus processos históricos de produção. O navegante, neste caso, remonta a sua inserção neste universo, e se depara com sua história. A deriva na clausura – DC, abre esta possibilidade de imersão no passado do navegante, à luz de referências do presente, o que pode levá-lo a uma melhor compreensão de seus processos, de seu cotidiano, da dimensão dos seus descartes. O que leva a uma forma criativa na clausura, no espaço restrito e restringido por conta da crise sanitária. Então duas dimensões aparecem. I - A deriva imaginária como forma e construção de inferências, utopias, e de sonhos, a partir do micro cosmo existente na clausura, e II – A deriva nas micro escalas, ou seja, o exercício de percepção dos sutis detalhes que compõem os espaços restritos. Neste caso consideramos o tempo dedicado em função das restrições de mobilidade.

6. O RITO DA DERIVA

Qual o significado do rito? Valorizar!

O momento com seus adereços, vividos de forma intensa e profunda. As práticas sociais ritualizadas, agregam as pessoas desde o início de nossa existência. Pelo rito, define-se caminhos ideologicamente delineados, com práticas exercidas coletivamente, processo efetivamente aglutinador. Também é certo considerar o rito em sua dimensão subjetiva, as práticas individuais e solitárias, tão presente nesta pandemia.

O rito pode ser visto no contexto da deriva, não como uma cerimônia religiosa, mais como um rito pagão.

Acerca do rito, podemos dizer que é um conjunto de práticas, que se estabelecem coletivamente, mas também, as práticas individuais são ritualizadas. O rito no contexto da deriva é interessante porque neste sentido ela não é religiosa, ela é um rito pagão, um rito da aldeia, da base social e territorial. A deriva se reproduz nesta perspectiva. Qual o sentido de se ritualizar uma deriva? Buscar, entre outras coisas, a precisão e valorização das ações sempre presentes nos princípios norteadores daquela percepção de mundo. Então é importante ritualizar, é necessário para a construção do movimento coerente com as ideologias, e as perspectivas de interpretações contra hegemônicas. O navegante que deriva, independente da escala, o faz a partir de premissas. Com isso a noção de continuidade se estabelece, criando um movimento, que pode ser reproduzido e aperfeiçoado. É importante que estas práticas sejam descritas, documentadas. As experiências quando documentadas abrem a possibilidade de um estudo investigativo. Estes documentos criam discursos acerca da realidade vivida pelo “navegador”, discurso este carregado de subjetividade, que deve ser considerada pelo investigador. Existe, portanto, uma linguagem a ser desvendada.

7. A LINGUAGEM

Toda leitura e toda escuta é, portanto, Análise de Discurso. Benenviste escreve que existe uma oposição linguística inerente ao discurso. Aquele que fala se refere sempre ao mesmo indicador “eu”, para si mesmo que fala. O ato do discurso que anuncia “eu”, aparece cada vez que é reproduzido como o mesmo ato para quem ouve, e para você que anuncia. Sempre é um ato novo, mesmo que seja repetido mil vezes. Isso porque se realiza a inserção do locutor em um

momento novo do tempo, com uma textura diferente, com novas relações, criando discursos em novas circunstâncias.

O dado e sua função, a comunicação e o contexto. A filtragem e a restrição de informações. A ideologia e a construção da memória. Estes elementos formam os processos comunicacionais de uma sociedade historicamente determinada: “Do ponto de vista do discurso, não se pode entender a língua como algo separado da história e dos contextos sociais”. (BENVENISTE, 1966, 7 P.)

Pedro Souza desenvolveu o texto “Análise de discurso”, com a equipe de desenvolvimento de materiais do LLV/CCE/UFSC, Na coordenação de Ane Girondi, a parte de “design” instrucional da Daiana Acord, a diagramação, capa, e tratamento de imagem de Tamira Silva Espanhol. Esta equipe desenvolveu um trabalho sobre a “análise do discurso”. Um texto com 4 unidades, considerações finais, mais as referências bibliográficas, e de imagens. É um trabalho consistente para discutir este tema.

Com o objetivo de precisar o conceito de linguagem, no contexto da Deriva/Transurbância – DT, foi feita uma revisão de 9 itens dos 16 existentes. Da unidade A “Do princípio à fala, a língua, e o falante”, em seu item 1, “linguagem, língua, e fala”, item 2 “A fala – o indivíduo falante, no item 4 “o discurso como procedimento de controle”. Na unidade C, “Do discurso como objeto de análise”, ao modo da escola francesa, foi revisado os itens 7 “Da fala ao discurso, relações de força e de sentido. Item 9, “O esquecimento no jogo da memória, ou do interdiscurso. Item 10 “os limites entre o mesmo e o diferente, item 12, “A definição discursiva de ideologia”, item 13 “A história das formas sujeito. Finalmente, na unidade D, “Construindo a análise” trabalhamos o item 14 “Do conceito ao trabalho de escavação do processo discursivo. Buscamos entender a dimensão do discurso na expressividade humana, particularmente aqueles construídos pelos participantes de uma DT.

A análise do discurso se interessa por homens falando, das mais diferentes formas, se expressando. A linguagem de cada um dos participantes das DT's trás uma miríade de inferências possíveis, importantes para a compreensão dos processos de produção do espaço. Na DT. Podemos desvendar o objetivo vivido e o subjetivo dos membros do grupo na interpretação desta realidade: “... o discurso, isto é, o regime simbólico em que um simples ruído ou uma simples imagem produz sentido e, por isso mesmo, demanda interpretação” (SOUSA, 2011, 11 P.)

O inconsciente é algo que não pode ter existência senão no indivíduo falante. A subjetivação do inconsciente, então fica a pergunta. Qual impressão ficará contida no inconsciente de quem deriva? A linguagem, com suas sutilezas, pode propiciar o aparecimento de um sentido do percebido. A análise deste discurso, através da imagem, do som e da escrita, pode criar uma meta linguagem da experiência da DT. “Trata-se muito mais de pensar a linguagem como maneira de significar, e não como sistema fechado de regras de ordem. fonológica, morfológica ou sintática” (SOUSA, 2011, 17 P.)

Esta definição de linguagem pode ser observada nas falas dos membros da equipe das DT's, o empenho na interpretação, a partir das experiências de vida de cada um.

Em Foucault, temos o discurso enquanto ordem, ordem do discurso.

A Psicanálise e a Análise de Discurso investigam o processo de constituição de sujeito. Em Foucault, a ordem do discurso, é mostrada como uma força, uma prática social, histórica e anônima, que age sobre a fala e sobre o sujeito que fala.

O discurso é aludido como a voz que fala antes que fale o falante. Aqui, de certa forma é colocada uma preocupação que tem Foucault de mostrar que o discurso apresenta uma certa autonomia, e que pressupostos ideológicos, estéticos e políticos, e culturais, no sentido amplo, formatam o discurso antes da fala. Sousa cita Orlandi (1999) que sinaliza a perspectiva ideológica contida no discurso.

Orlandi marca o lugar teórico em que a linguagem é concebida como a forma material do discurso, e este como a forma material da ideologia. (SOUSA, 2011, 45 P.)³.

Aqui temos um bom exemplo da ideia do discurso já previamente existente, e por conta desta existência é que podemos dizer que este processo está ligado à memória e ao esquecimento como condição da memória discursiva.

³ ORLANDI, E. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. cap. 1, p. 15-22.

Segundo Orlandi (2003, p. 35): “Quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós.” Essa constatação está diretamente ligada ao processo de constituição da memória e de como o esquecimento é a condição da memória discursiva. Nesse sentido, é que o “esquecimento é estruturante”, ou seja, a constituição da memória vem da disposição e distribuição dos dados que a compõem operados pelo apagamento do que foi dito para que no dito o efeito de sentido se estabeleça como memória discursiva.” (ORLANDI, 2003, p. 35)

O esquecimento é ideológico, manipulável, e regido por uma ordenação política/conjuntural. O discurso carrega tudo isso, que pode ser reproduzido ou desvendado. O esquecimento é parte do não discurso.

Os pressupostos de quem fala para quem ouve, são determinados pelas condições históricas de sua reprodução. “... as palavras significam em relação com a posição de onde são ditas, e isso faz parte das condições amplas de produção do discurso.” (SOUSA, 2011, 67p.)

Arendt⁴ argumenta que o pensamento ideológico se torna independente de qualquer experiência, por isso não pode comunicar nada novo, nem mesmo quando se trata de um fato que acabou de acontecer. Aqui pode-se pensar na dimensão do discurso, e perceber o limite do discurso quando apresenta uma carga ideológica. Embora sempre haverá juízos e valores balizadores o discurso.

... o sujeito só existe pelo trabalho da ideologia, isto é, pelo processo de linguagem o falante se constitui, de modo inconfundivelmente evidente e o sentido de suas palavras. A chave do processo está no ato incessante de interpretação. As pessoas precisam se colocar no mundo interpretando (SOUSA, 2011, 80p.).

O homem é um intérprete independente das condições de existência em que se encontra, que é passível de manipulação pelas ideologias.

Podemos dizer que a composição do conteúdo, e da maneira discursiva de constituir o sujeito está relacionado a processos da língua, da ideologia e da história. Ao falar, o homem se

⁴ ARENDT, H. A condição humana. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

faz e é feito por discursos que atravessam sua fala, existe uma carga de informações pretéritas que dão o amálgama para a reprodução social do homem.

O discurso é manipulável, é ideológico, pode ser algo produzido, se produzido, pode ser montado e desmontado, então.

... analisar discurso é como desmontar uma peça para examinar de que maneira foi fabricada e de que modo ela funciona. Sim, porque, como diz Michel Foucault, se o discurso é algo fabricado, então ele tem um funcionamento, como peça fabricada ele produz seus efeitos. Mas isso só se pode descobrir desmontando-o a partir de sua superfície aparente, para assim restituir o processo pelo qual o discurso se faz (SOUSA, 2011, 92p.).

Na análise do discurso, a travessia do ponto de partida ao de chegada, apresenta etapas, e descreve passa a passo, da superfície linguística ao objeto discursivo. Trata-se de retirar o discurso da superfície, examinando na matéria bruta da linguagem o “como se diz”, “quem diz”, “em que circunstâncias se diz”.

Na ótica do analista, este deve se posicionar de tal modo que, mesmo implicado como sujeito que analisa, ele não só procura compreender como o texto produz sentidos, mas também busca observar que gestos de interpretação trabalham aquela discursividade que é objeto de sua compreensão. O analista deve buscar o discurso em sua plenitude, tirando daí inferências possíveis, e criando novos discursos.

As derivas, em suas diversas escalas, são ritualizadas a partir de certos princípios, que vão evoluindo no tempo histórico, a partir das condições objetivas impostas pela realidade. Estas ações, quando documentadas, carregam a linguagem de quem a expressa, o falante. Como foi visto, esta expressão carrega uma carga de subjetividade, que pode ser analisada a partir do discurso de quem as produz. Esta perspectiva analítica pode ser desenvolvida pelo analista, ou por uma análise coletiva do grupo de navegantes, se for o caso. O desvendamento da(s) subjetividade(s) dos navegantes na percepção do real, a partir da análise dos discursos, amplia os limites das ações de deriva. Qualificando a intervenção na percepção crítica dos espaços físicos e subjetivos.

REFERÊNCIAS

- ALÓ, Anselmo Peres. Revisão da obra de, Eni Puccinelli Orlandi. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/3 (esp), p. 389-394, dez. 2012.
- BENVENISTE, Émile. Le langage et l'expérience humaine. IN: **Problème du langage**. Paris, Ed. Gallimard, 1966, p. 3 – 13.
- BRENNER, PECK, THEODORE (Neil Brenner, Jamie Peck, Nik Theodore. Urbanismo neoliberal, La ciudad e el império. IN: **El mercado contra la ciudad** – sobre globalización, gentrificación, y políticas urbanas. Madrid. Observatorio Metropolitano de Madrid (ed). 2015, 211-244 pp.
- CARERI, Francesco. **Nomadismo, architettura, ospitalità** – Esperienze e azioni dal camminare al CIRCO. Roma, Bordeaux edizione – ISBN 979-12-5963-018-6. Ano 2020. E-book Kindle.
- COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar** – o escritor como caminhante. São Paulo, Martins Fontes, edição eletrônica. 2016; ePUB.
- DEBORD, Guy. **Théorie de la derive**. Les Lèvres nues n° 9, décembre 1956 et Internationale Situationniste n° 2, décembre 1958. Internet publié lundi 20 février 2017.
<https://www.larevuedesressources.org/theorie-de-la-derive,038.html>
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998,165 p.
- FRESNILLO, Mariano. **La clausura desrejada**, Madrid, Doce Calles S. L. E-book 2021.
- LOGAN e MOLOTCH, John R. Logan e Harvey Molotch. La ciudad como máquina de crecimiento. IN: **El mercado contra la ciudad** – sobre globalización, gentrificación, y políticas urbanas. Madrid. Observatorio Metropolitano de Madrid (ed). 2015, 157-210 pp.
- MADER, Marília. **Amor nos tempos do corona** – recortes da vida confinada. São Paulo, Skoobook, 2021 96 p.
- DE MARZO, Cíntia. **Clausura Liberatória**. Roma, Grupo Albatroz, 2021. E-book.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999. cap. 1, p. 15-22.
- PICCOLP, Rosana (org). **Clausura**. Ed Lobo Azul, 2020. E-book.
- SOUZA, Pedro de. **Análise do discurso** / Pedro de Souza, — Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011. 114p.

Enviado em 18/10/2022

Aceito em 17/12/2022